

**BES ARTE & FINANÇA**

De 3 julho a 10 setembro/ *From July 3rd to September 10th*  
2ª a 6ª das 9h às 19h/ *Monday to Friday from 9am to 7pm*  
Praça Marquês de Pombal, nº3 - Lisboa  
21 350 89 75 | [besarte.financa@bes.pt](mailto:besarte.financa@bes.pt)

**APPLETON SQUARE**

De 3 julho a 2 agosto/ *From July 3rd to August 2nd*  
3ª a sábado das 15h às 20h/ *Tuesday to Saturday from 3pm to 8pm*  
Rua Acácio Paiva, 27, R/C - Lisboa  
21 099 36 60 | [geral@appletonsquare.pt](mailto:geral@appletonsquare.pt)

**TEATRO THALIA**

De 3 julho a 11 julho/ *From July 3rd to July 11th*  
2ª a 6ª das 9h às 19h/ sábado das 15h às 19h  
*Monday to Friday from 9am to 7pm/ Saturday from 3pm to 7pm*  
Estrada das Laranjeiras, nº 211 - Lisboa  
21 781 18 01 | [teatro.thalia@sec-geral.mec.pt](mailto:teatro.thalia@sec-geral.mec.pt)

**EXPOSIÇÃO | EXHIBITION \*24**  
**AN-ARQUITECTURA.**  
**ANARCHITECTURE.**

ESPAÇOS E IMAGENS A PARTIR  
DA COLEÇÃO BESart  
SPACES AND IMAGES FROM BESart COLLECTION

CURADORIA/ CURATORSHIP: Nuno Crespo

**DE 3 DE JULHO A 10 DE SETEMBRO**  
**FROM JULY 3RD TO SEPTEMBER 10TH**

**APPLETON  
SQUARE**

**SGMEC** Secretaria-Geral  
Ministério da Educação e Ciência



**BANCO  
ESPIRITO  
SANTO**

**BES  
art** COLEÇÃO  
BANCO  
ESPIRITO SANTO

**Ficha Técnica:**

**Participam nesta exposição:**

Daniel Malhão, Diogo Seixas Lopes, Inês Lobo, Joana Vilhena, Nuno Cera,  
Patrícia Barbas, Paulo Catrica, Paulo David, Pedro Costa e Ricardo Carvalho

**Curadoria:**

Nuno Crespo

**Assistente Curadoria:**

Cláudia Costa

**Montagem:**

Setup - Associação de apoio às artes

**Credits:**

**The following artists took part in the exhibition:**

Daniel Malhão, Diogo Seixas Lopes, Inês Lobo, Joana Vilhena, Nuno Cera,  
Patrícia Barbas, Paulo Catrica, Paulo David, Pedro Costa e Ricardo Carvalho

**Curator:**

Nuno Crespo

**Assistant to the Curator:**

Cláudia Costa

**Assembly:**

Setup - Associação de apoio às artes

## AN-ARQUITECTURA. ESPAÇOS E IMAGENS A PARTIR DA COLEÇÃO BESart

'Esta não é uma exposição de arquitetura' poderia ser o título alternativo para o conjunto de trabalhos que se apresentam neste tríptico expositivo. E as razões são porque o objetivo é pensar a arquitetura não apenas enquanto coisa construída e materialização de um programa funcional, mas enquanto espaço utópico, metafórico, que muitas vezes se caracteriza pelas suas ausências, intervalos e vazios.

O título é uma citação de Gordon Matta-Clark de que não apresentamos nenhuma obra, mas a sua presença torna-se presente no modo de pensar a arquitetura a que o artista chamou Anarquitettura. Esta ideia, diz-nos Matta-Clark, "é sobre como fazer um espaço sem ser através da construção de um lugar belo" e fazer, para este artista, é destruir, criticar, abrir, inverter. Tudo operações que têm como ambição criar mais espaço, expandir o horizonte, aumentar as possibilidades da visão através da alteração de perspetiva e da inversão das hierarquias espaciais e visuais.

Matta-Clark fornece o enquadramento correto para uma exposição que é uma exploração feita a muitas mãos de temas importantes da prática quotidiana da arquitetura. Neste processo a arquitetura surge aliada à fotografia e à imagem em movimento como forma de aumentar o possível campo de experiências espaciais. As imagens não servem para registar ou interpretar objetos arquitetónicos, mas são elas mesmas lugares organizados, arquiteturas espontâneas e inesperadas materializadas em imagens, desenhos e sugestões pictóricas.

A organização da exposição foi feita a dois níveis. O primeiro é um diálogo com as obras de fotografia da coleção BESart. Estas são um ponto de partida e um elemento iconográfico, simbólico, isto é, elemento de tensão, com que criticamente se dialogou na criação deste universo de imagens e espacialidades.

A seleção das obras da BESart foi feita coletivamente e foi um processo de diálogo que contaminou e prolongou os temas explorados. Os temas propostos, primeiro aos arquitetos e depois aos fotógrafos, dizem respeito a problemas que por um lado e em parte marcam o debate da arquitetura e, depois, são centrais nas obras que estes arquitetos têm vindo a desenvolver.

Elegeram-se quatro temas apresentados em três locais diferentes:

- 1) Paisagem por Paulo David na Appleton Square;
- 2) Processo por Daniel Malhão, Joana Vilhena e Ricardo Carvalho no BES Arte & Finança;
- 3) Re-Utilização por Inês Lobo e Paulo Catrica também no BES Arte & Finança;
- 4) Teatro por Diogo Seixas Lopes, Nuno Cera e Patrícia Barbas no Teatro Thalia.

Ainda que haja uma importante relação entre todas as obras existe simultaneamente uma grande autonomia dada não só pela distância geográfica entre os locais de exposição, mas sobretudo pela singularidade de cada uma das propostas. No caso do Teatro somos convidados a descobrir no Thalia em Sete Rios, um projeto de Diogo Lopes e Patrícia Barbas (em coautoria com Gonçalo Byrne), essa ideia tão decisiva da arquitetura como teatro destinado a acolher e a ser a possibilidade das inúmeras formas de vida que hão de vir, imprevisíveis e incontroláveis. Ideia esta intensificada pelas imagens e sons de Nuno Cera que tornam material a relação que a arquitetura tem sempre com o indeterminado: o gesto da arquitetura não conhece um destinatário final e esta incerteza é o seu coração. Depois esta apresentação é um modo de trazer para dentro do teatro um outro teatro: as obras de Nuno Cera invocam o Abraxas de Ricardo Bofill em França. Gesto possível de entender enquanto encenação de uma tipologia: porque teatro de Bofill é um complexo habitacional e, portanto, trata-se de ver não a função (ser ou não ser teatro), mas a tipologia: o ser teatro. (Esta parte da exposição só estará patente até 11 de julho.)

Também fora do espaço do Marquês de Pombal, está Paulo David. Para este arquiteto a paisagem é o nome de um problema, o qual, sugerem as suas imagens, se metamorfoseia em objeto, corpo e natureza, e que possui um presente que se alimenta de uma relação complexa com outros momentos do tempo. Aqui a arquitetura surge, sobretudo, como reconstrução do lugar original, da nossa casa, da nossa origem, lugar esse a que se é conduzido através do som, do cheiro, da imaginação. Não é que os lugares de Paulo David sejam imaginários — eles estão lá, têm chão, parede e teto —, mas a sua matéria é de ordem atmosférica, espectral, memorial.

Com Inês Lobo e Paulo Catrica salta-se para Lisboa e para o modo como arquitetura e fotografia se aliam na formação de um ponto de vista sobre a cidade, sobre os seus espaços, tempos e as muitas acumulações de pessoas, coisas, cores, formas. Um amontoado que se transforma numa existência anacrónica de agora, vemos uma espécie de cartografia ou, se se preferir, uma biografia. O desenho da arquitetura com os seus cheios e vazios e as suas hierarquias, alia-se à densidade da imagem e às coisas que impreparadamente saltam para o centro do fazer da arquitetura. Fala-se de re-utilização porque aqui a arquitetura surge não enquanto interrupção e desejo do novo, mas como atualização de formas latentes e existentes.

Com Daniel Malhão, Joana Vilhena e Ricardo Carvalho é-se levado a um lugar de desaceleração e contemplação em que arquitetura não é objeto, função ou forma, mas lugar de atenção. A questão do intervalo existente entre a representação da arquitetura e a experiência da arquitetura é aqui fundamental enquanto estratégia de exploração desta obra conjunta. Não se trata de um olhar melancólico para a experiência do corpo a corpo com a obra arquitetónica, mas da importante exploração dos níveis diferentes e complementares em que atuam as representações das ideias e objetos arquitetónicos. Daniel Malhão, Joana Vilhena e Ricardo Carvalho trabalham a impossibilidade de representação da experiência *in loco* da arquitetura. Um obra dupla em que temos de um lado a representação de uma ideia — a maqueta —, do outro a representação do objeto construído — a fotografia — e entre elas um espaço de acontecimento a que talvez se possa fazer corresponder a experiência humana da arquitetura: ideia, objeto e corpo.

Finalmente, as imagens e sons de Pedro Costa que remetem para a Ilha do Fogo em Cabo Verde. As arquiteturas anónimas e populares que surgem nestas imagens não só condensam um grande saber construir, mas mostram que os corpos, os rostos, as pessoas, são as topografias a partir das quais qualquer construção se desenvolve e a partir dos quais nasce a evidência que a vida é sempre o que mais importa.

## ANARCHITECTURE. SPACES AND IMAGES FROM BESart COLLECTION

'This is not an "architecture" exhibition' could be the alternative title for the group of works that are presented in this exhibition triptych. Because its aim is not to think about architecture as just a constructed thing or the materialization of a functional programme but as a utopian, metaphorical space that is often characterised by its absences, gaps and empty spaces.

The title is based on a quote by Gordon Matta-Clark who argues that we do not present a work but that its presence is made present in the way that we think about architecture, a phenomenon which the artist named Anarchitecture. This idea, so Matta-Clark tells us, 'is about how to make a space without constructing a beautiful place' and making, for this artist, is destroying, criticising, opening, inverting. These are operations which aim to create more space, to expand the horizon, to enhance the possibilities of vision by changing the perspective and by inverting spatial and visual hierarchies.

Matta-Clark provides the appropriate framework for an exhibition that is an exploration, carried out by many people, of themes relevant to the everyday practice of architecture. In this process, architecture is connected to photography and to the moving image as a way of enhancing the possible field of spatial experiences. Images are not used to record or interpret architectural objects but are presented as organised spaces themselves, spontaneous and unexpected architectures that are materialized as images, drawings and pictorial suggestions.

The exhibition has been organised on two different levels. The first was a dialogue with the photographs of the BESart collection. This was the starting point and an iconographic and symbolic element, that is, an element of tension with which a critical dialogue was established for the creation of this universe of images and spaces.

The works from the BESart collection were selected collectively in a process of dialogue that contaminated and expanded the chosen themes. These themes, which were first presented to the architects and then to the photographers, are related to issues which, on the one hand, partially mark the debate on architecture and, on the other, are central to the works that these architects have been developing.

Four themes were chosen to be presented in three different exhibition spaces:

- 1) Landscape by Paulo David at Appleton Square;
- 2) Process by Daniel Malhão, Joana Vilhena and Ricardo Carvalho at BES Arte & Finança;
- 3) Reuse by Inês Lobo and Paulo Catrica also at BES Arte & Finança;
- 4) Theatre by Diogo Seixas Lopes, Nuno Cera and Patrícia Barbas at Teatro Thalia.

Although all the works are related in an important way, there is also a significant degree of autonomy that arises not only from the geographic distance between the venues but especially from the uniqueness of each proposal. In the case of Theatre we are invited to discover, at the Thalia theatre in Sete Rios, a project by Diogo Lopes and Patrícia Barbas (co-authored with Gonçalo Byrne) that explores the fundamental idea of architecture as a theatre designed to shelter and offer opportunity to the countless forms of life that are still to come, which are unpredictable and uncontrollable. This notion is intensified by the images and sounds created by Nuno Cera, which materialize the relationship between architecture and the unknown: the architectural gesture does not know to whom it is addressed and that uncertainty lies at the very heart of the architectural project. This show is also a way of bringing another theatre into the theatre: the works by Nuno Cera that invoke Ricardo Bofill's Abraxas in France. A gesture that can be understood as the staging of a typology: because Bofill's theatre is a housing complex and, therefore, it is a question of observing not the function (whether or not it is a theatre) but the typology: the fact that it is a theatre. (This part of the exhibition will only be open to the public until the 11 July.)

Paulo David will also present his project away from the main venue at Marquês de Pombal. For this architect, landscape is the name of a problem which, as his images suggest, is transformed into an object, body and nature and whose present feeds off a complex relationship with other moments in time. Here, architecture appears essentially as the reconstruction of the original place, of our home, of our origin, a place where we arrive through sound, smell and imagination. It is not that Paulo David's places are imaginary — they exist, they have a floor, walls, a ceiling — but that their matter is of another order: atmospheric, spectral, memorial.

In the case of Inês Lobo and Paulo Catrica, we jump to Lisbon and the way that architecture and photography unite to create a point of view of the city, its spaces, its time and the many accumulations of people, things, colours and shapes. An accumulation that becomes an existence belonging to a time different from that which we now see, a kind of mapping or, if you prefer, a biography. Architectural drawing, with its filled and empty spaces and hierarchies, intertwines with the density of the image and the things that fall unprepared towards the centre of architectural production. We speak of Re-use because architecture emerges here not as a breaking away from the old and a desire for the new but as an updating of latent or existing forms.

Daniel Malhão, Joana Vilhena and Ricardo Carvalho take us to a place of peace and contemplation in which architecture is not an object, function or shape but a place of attention. Here the question of the gap that exists between the representation and experience of architecture is fundamental as a strategy for exploring this collective work. It is not a melancholy gaze at the physical experience of architectural work or art but an important investigation of different and complementary levels where representations of ideas and architectural objects act out. Daniel Malhão, Joana Vilhena and Ricardo Carvalho work on the impossibility of representing the *in loco* experience of architecture. A work that presents us, on the one hand, with the representation of an idea — the model — and on the other, with the representation of the built object — the photograph — and between them we find the space of an event to which we might attribute the human experience of architecture: idea, object and body.

Finally, the images and sounds of Pedro Costa bring us to Fogo Island in Cape Verde. The anonymous and popular buildings that appear in these images condense not only a profound knowledge of construction but also show us that bodies, faces, and people are the topographies from which all constructions unfold and from which the evidence emerges that life is always what matters most.